

# O que significa Estudos de Cultura?

## Um diagnóstico cosmopolita sobre o caso da cultura alemã<sup>1</sup>

ISABEL CAPELOA GIL \*

O princípio da mistura quer dizer que as culturas e tradições locais, nacionais, étnicas, religiosas e cosmopolitas se interpenetram, articulam, misturam: o cosmopolitismo sem provincianismo é vazio, o provincianismo sem cosmopolitismo é cego.

ULRICH BECK, *Der kosmopolitische Blick*, 2004: 16

O cidadão da sociedade globalizada do século XXI está condenado a uma condição cosmopolita. Vivemos num tempo globalizado, seja no tecido demográfico das nossas sociedades ou na comunicação que diariamente recebemos via televisão, rádio ou pela Internet. A *vita cosmopolita* manifesta-se no habitar de uma modernidade em que os ritmos do quotidiano tomaram a velocidade de impulsos digitais e integraram uma mobilidade fluida de pessoas, bens, criações e eventos, ou que, pelo contrário, se revela na exclusão social dessa utópica mobilidade global daqueles que, mesmo assim, acabam por dela receber um impacto distópico constante. Nesta condição em que o global e o local se interseccionam emergiu um novo paradigma legitimador da acção social: o paradigma cultural.

Efectivamente, se o século XIX foi o século da história, o século XX, o século do povo e da sua ciência legitimadora, a sociologia, o século XXI afigura-se o século da cultura e dos Estudos de Cultura, na tradição quer dos *Cultural Studies* de base anglo-saxónica, quer das *Kulturwissenschaften* de matriz hermenêutica e alemã.

---

\* Directora e professora associada da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

O sociólogo francês Alain Touraine dedica o seu último livro, *Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde aujourd'hui* (2005), precisamente à emergência do paradigma cultural. Se é certo que durante um longo período a realidade social foi fundamentalmente analisada sob a óptica do formante político (a desordem e a ordem, a guerra e a paz, o poder, o Estado, a nação, a Monarquia e a República ou a Revolução), com as revoluções industrial, científica e tecnológica e a implantação do capitalismo, o paradigma político deu lugar a um paradigma económico e social, tendo como categorias recorrentes de análise as classes sociais, a riqueza e a pobreza, burguesia e proletariado, estratificação e mobilidade social, desigualdade e equidade. Touraine argumenta que na actualidade, dois séculos após o triunfo da economia sobre a política, as categorias sociais se tornaram confusas e incapazes de responder adequadamente às questões que preocupam as sociedades contemporâneas, de modo que são agora os problemas culturais que movem os actores sociais. O paradigma cultural assenta fundamentalmente no reconhecimento do que o sociólogo chama os «direitos culturais», no plano da religião, da diversidade das práticas e costumes culturais, do reconhecimento da paridade entre homens e mulheres, mas também dos direitos humanos entendidos numa perspectiva universal (Touraine, 2005: 30). Trata-se efectivamente da constatação do «poder das identidades», de que fala Manuel Castells, com a globalização e a sociedade em rede, potenciadas pelas novas tecnologias da informação, a surgirem como veículos privilegiados de disseminação do novo paradigma cultural do século XXI.

No contexto deste cenário global, e da emergência do novo paradigma cultural, pensar os Estudos de Cultura a partir do estudo de caso da cultura alemã, uma cultura estranha ao universo português, não pode limitar-se à súpula de grandes feitos da cultura-alvo, uma espécie de *grand histoire* em formato abreviado, nem a ser narrativa legitimadora de uma *Weltanschauung* essencialista, que traça limites e diferenças, em vez de pontes e diálogo. E porque a situação da intérprete é necessariamente excêntrica à realidade cultural problematizada, esta reflexão apresenta-se, desde logo, sob um registo intercultural, mas também cosmopolita, procurando transmitir, mais do que características locais, o espaço-fronteira habitado pela mediação entre o próprio e o diferente.

Tal como qualquer disciplina denominada «Cultura...», em 2009 Cultura Alemã não deixa de ser uma designação que, de tão excessivamente semantizada, se torna banal. Cultura não é apenas uma das palavras mais complexas da semântica das línguas latinas e germânicas (Eagleton, 2000: 1), é também uma das que a mais abusos tem sido submetida, trilhando afinal essa macrodesignação de T. S. Eliot de que «culture is a whole way of life». Tal como nas palavras da personagem populista de Hanns Johst, no drama *Schlageter*, que referia sacar do revólver de cada vez que

ouvira esta palavra, a cultura toma nas sociedades contemporâneas uma dimensão de alvo e campo de batalha, um espaço simbólico onde as grandes tensões sociais e políticas se expressam, digladiam e também dialogam. O recente caso da disputa em torno das afirmações de Bento XVI na Universidade de Regensburg, a questão das caricaturas de Maomé, mas também os debates em torno do passado de Günter Grass, da vitimização das populações civis alemãs durante a expulsão dos territórios de Leste e o bombardeamento das cidades na Segunda Guerra Mundial, a ligação de intelectuais da ex-RDA à Stasi (Heiner Müller e Christa Wolf), o passado de respeitáveis políticos e a sua ligação a movimentos extremistas nos anos 70, ou mesmo o assassinio de honra da jovem turca Hatin Sürücü em Berlim, são meros exemplos da centralidade do paradigma cultural na vivência socioeconómica e política. Mais do que o *homo economicus*, cujo discurso parece legitimar a organização das nossas sociedades, é efectivamente o *homo culturalis* quem corporiza o novo paradigma do século.

No contexto cultural de expressão alemã, contudo, Cultura Alemã constitui praticamente um conceito tautológico, um constructo discursivo fruto de um desejo de identidade que a história se encarregou de pintar de glórias e misérias. De facto, é através da macronarrativa da cultura que na Alemanha se começa a problematizar a busca de unidade nacional com o conceito de *Kulturnation* (Herder, *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*), uma noção fundamentalmente ético-estética que sublinha uma pertença de ordem espiritual e étnica, unificada pela partilha de uma língua e de valores culturais comuns. Acompanhando as vicissitudes da história, a noção de cultura torna-se marca definidora da nação, nos bons e nos maus momentos, como esplendor e como miséria nas guerras de propaganda dos dois conflitos mundiais do século passado. O sociólogo Norbert Elias constata na sua obra seminal *O Processo Civilizacional* que «a palavra com que o alemão se interpreta a si próprio, através da qual expressa o seu orgulho por aquilo que faz e por aquilo que é, é a palavra *Kultur*» (Elias, 1997: 59). Acrescenta ainda que este é um termo que delimita, afirmando:

[...] no conceito de *Kultur* reflecte-se a autoconsciência de uma nação que constantemente teve de perguntar-se em que consistia realmente a sua especificidade, que repetidamente teve de procurar e reconstituir todas as suas fronteiras, tanto políticas como espirituais. A orientação do conceito alemão de cultura, a tendência para a delimitação, para fazer sobressair as diferenças entre povos, corresponde a esse processo histórico. (Elias, 1997: 61)

Desta afirmação datada resulta, em primeiro lugar, uma constatação do carácter nacional-afirmativo do postulado cultural, que surge como preenchimento

de uma lacuna em momento de crise, e, em segundo lugar, a ausência histórica de uma consciência crítica que articule o fenómeno cultural na relação com o outro. É assim, que mesmo quando o conceito tradicional de nação, marcado pela tríade étnica, linguística e territorial, é revisto na época do fim da história e se começa a discutir a Alemanha contemporânea como uma sociedade multicultural, ancorada no que alguns pensadores nos anos 80 começaram a chamar de estado pós-nacional, a marca *Kultur* continua a ter uma enorme produtividade para a problematização da contemporaneidade alemã. Não só na vertente eufórica, também a crise da modernidade, que já Freud apodara de *Das Unbehagen der Kultur* (*Mal-Estar Civilizacional*), está contida na marca «cultura», em particular numa autodefinição da sociedade alemã, que se populariza a partir do final dos anos 80, oriunda dos meios artísticos, mas que rapidamente se dissemina e se transforma em categoria central de análise, a de *Kulturgesellschaft*<sup>2</sup>.

Enquanto a *Kultur* configurava a cultura como estratégia fundadora e legitimadora do discurso nacional, cujas energias radicavam na genialidade do povo, consagrada na narrativa da superioridade do espírito e das artes germânicas e da sua galeria de intelectuais, identificando a nação com a arte alemã, que assim se tornava modelo auto-referencial de uma «autoconsciência» ensimesmada; na *Kulturgesellschaft*, a cultura não é propriedade de uma elite burguesa esclarecida, mas expressão de todos os actores sociais, que, através dela, expressam as temáticas que mais os movem, sejam elas a migração, a identidade nacional, a guerra, o desenraizamento, etc. Trata-se de um modelo que privilegia a interacção dinâmica entre sujeitos criadores, entre o indivíduo e a instância tutelar da sociedade, o Estado, entre os indivíduos e a estrutura económica. Nesta interacção dinâmica, o espaço de acção das indústrias da cultura apresenta-se como superfície onde valores, estruturas e regras são discutidos, problematizados, criticados, contestados, refeitos, renovados ou redescobertos. O acesso à cultura apresenta-se como vital para a saúde do tecido social, quer numa acepção ética e política, porque ajuda a problematizar as aporias da nossa sociedade de risco e ajuda a repensar alguns dos seus conflitos, quer também porque é deste acesso democratizado ou massificado que depende a sua vitalidade económica. A *Kulturgesellschaft* designa também uma sociedade onde cresce a função socializadora da actividade cultural, que se apresenta como agente de modernização, de autocrítica social e em particular como agente de diálogo intercultural.

Na conferência «A Soul for Europe», realizada em Berlim em Novembro de 2004, questionado acerca da expansão da Europa e daquilo que nesse cenário poderia continuar a unir os europeus, José Manuel Durão Barroso responde que o que nos une é a «cultura». Na diversidade do panorama cultural dos Estados da

União Europeia é certamente importante a procura de uma autoconsciência, do denominador cultural comum dos europeus, mas esta busca deve necessariamente ser acompanhada por um processo de reflexão crítica e de busca de entendimento do Outro. Neste processo, a Alemanha tem nos últimos quinze anos dado um exemplo seminal, através de um entendimento da cultura que passa pelo acentuar das semelhanças entre comunidades, no respeito pela lei, pelos direitos humanos, ou pelo *Verfassungspatriotismus* (patriotismo à constituição) de Habermas, mas que se baseia em igual direito no respeito e no incentivo da diversidade, seja ela de ordem religiosa, política ou étnica. As manifestações culturais produzidas na Alemanha pós-Wende reflectem muito claramente esta oscilação dinâmica entre uma cultura como reflexão crítica da autoconsciência da nação e a cultura como entendimento do Outro. Trata-se de tentar perceber, como disse Hans Georg Gadamer (*Wahrheit und Methode*), que o Outro também pode ter razão.

Habitando o universo global, o gesto cosmopolita é certamente herdeiro de um olhar sobre o Outro, de uma curiosidade infinda, que tem marcado o percurso da cultura ocidental. Este gesto, que muitas vezes se identificou com estratégias de apoderamento e imperialismo, tem vindo a ser redesenhado na modernidade reflexiva, e também sob o impulso dos estudos pós-coloniais, para retomar a problemática da cultura como modelo de afirmação identitária de grupos subfigurados no espaço simbólico da representação<sup>3</sup>. Nas sociedades multiculturais, trata-se não só de entender e respeitar o Outro no seu espaço cultural e geográfico próprio, mas sobretudo de estar atento à diferença interna, isto é, às diversas formas de que se reveste esta alteridade no seio da cultura do centro, conscientes de que, como referia Néstor García Canclini, a globalização nos coloca perante a inevitabilidade da hibridação de todas as culturas (Canclini, 1989: 27; cf. Carneiro, 2006: 39).

O desenho do programa de uma disciplina como Cultura Alemã terá por isso de promover a singularidade<sup>4</sup> de um espaço cultural que não se esgota nas fronteiras políticas da nação, que se comunica através de uma língua partilhada em comum, abraçando contudo o universo de uma cultura global não cartografável em cuidadosos atlas geográficos (Hennigsen e Schröder, 1997), antes se harmonizando numa tessitura ecológica. Será assim um olhar cosmopolita e excêntrico, marcado pelo que Appiah denomina uma «particularidade cosmopolita» (Appiah, 2002)<sup>5</sup>, isto é, um olhar sobre a cultura alemã na sua diversidade interna e no diálogo que esta enceta com o mundo em seu redor, desenvolvendo nos estudantes a competência para a decifrar na sua singularidade estética, social e política e para a contextualizar no ambiente histórico envolvente.

Proponho deste modo um entendimento estratégico do ensino de Estudos de Cultura assente em três vectores: o primeiro, o da disciplina como **programa**;

o segundo, o da disciplina como **narrativa**; e o terceiro, o da disciplina como **problema**. Ou seja, entender a disciplina de Cultura como **programa** de legitimação do modo como as sociedades comunicam, se auto-representam e reflectem sobre a sua complexidade. Trata-se portanto de entender a disciplina e a sua área disciplinar (Estudos de Cultura) como programa de decifração da *autopoiesis* da sociedade. Em segundo lugar, entender a disciplina como **narrativa** de uma singularidade dialógica, isto é, da identidade negociada no diálogo com o Outro; e finalmente discutir a disciplina como espaço onde os **problemas** que preocupam a tessitura cultural se expressam e desenvolvem. Com este olhar, que assumo excêntrico e cosmopolita, desejaria que o programa de Cultura Alemã pudesse afinal contribuir para o reconhecimento de que, como afirma Dirk Baecker acerca do estudo das culturas: «Cultura é a forma de resolver o problema da existência de outras culturas.» (Baecker, 2001: 17)

## I. Os Estudos de Cultura e a disciplina de Cultura Alemã

Naquele Império, a Arte da Cartografia conseguiu tal perfeição que o mapa de uma só Província ocupava toda uma Cidade e o mapa do Império toda uma Província. [...] Menos dadas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes consideraram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos.

JORGE LUIS BORGES, «Do Rigor em Ciência» (1960)

Tal como os membros das «Gerações Seguintes» da parábola de Borges, o germanista do século XXI rejeitou o mapa perfeito da província pedagógica Germanística, entregando-o sem piedade à inclemência do espaço fronteiriço da inter e da transdisciplinaridade. Com efeito, uma meta-reflexão sobre o estado da disciplina no contexto deste tempo da posterioridade, do pós-moderno, do pós-nacional, do pós-colonial, apresenta-se como tarefa especialmente complexa. Utilizando a metáfora de Borges, poder-se-ia dizer que o esgotamento do modelo cartográfico resultou quer de modificações intradisciplinares, que alteraram a técnica e as escalas de elaboração do mapa do império, quer de um desvio de paralaxe que deslocou o interesse do presumível cartógrafo do centro para as periferias do antigo mapa imperial. Assim sendo, a reflexão sobre o lugar da disciplina de Cultura Alemã no âmbito do mapa da Germanística situa-se necessariamente num triplo espaço de fronteira: numa fronteira institucional, discutindo as crises e renovações de um modelo disciplinar que se tornou claramente transepistémico e transdisciplinar;

numa fronteira histórico-conceitual, discutindo o modelo de interação entre a disciplina e as contingências e necessidades quer do campo científico quer da realidade sociocultural que vivemos; e por fim numa fronteira geográfica, já que activa uma reflexão portuguesa e portanto excêntrica à discussão intragermânica, refletindo um determinado particularismo, sem, contudo, perder de vista os desenvolvimentos internacionais mais relevantes.

Situando-se na fronteira, a Germanística que se postula para além do modelo nacional de uma «Wissenschaft vom Deutschen», na terminologia de Jakob Grimm, apresenta um desejo claramente transdisciplinar na articulação de saberes, além do tradicional modelo linguístico-literário. Contudo, esta transdisciplinaridade não rejeita em absoluto o enquadramento institucional da área de saber, fundamental, mesmo na época da disrupção de fronteiras, para a sua autoconsciência como campo disciplinar. Se a transgressão se tem vindo a afirmar como condição *sine qua non* da prática das Humanidades, em particular dos Estudos Literários, trazendo uma miríade de «viragens» em afirmação crescente desde os anos 80, é importante realçar que esta tem, na verdade, contribuído para um enriquecimento do campo. Fá-lo, todavia, sem enfraquecer a sua vocação maior, que já Gadamer<sup>6</sup> distinguia como sendo a da compreensão e que, mais recentemente, sob o impulso da semiótica, se conotou com a capacidade de interpretar e de atribuir sentido (Iser, 1991; Eco, 1977). Tal como defende Gayatri Spivak (Spivak, 2003), trata-se afinal de afirmar a dimensão figural que permeia o gesto estético como ancilar a uma antropologia do humano. Efectivamente, a transgressão não representa uma dissolução dos limites transgredidos, pois, como escreveu Michel Foucault, é precisamente o acto de transgressão que dá visibilidade legal aos limites que transgride (Foucault, 2001: 276). Neste entendimento, a prática da interdisciplinaridade e o processo de diálogo transdisciplinar apresentam-se como exercícios de uma transgressão que, sem provocar a disrupção das balizas institucionais do campo disciplinar, produz uma nova consciência relativamente ao mesmo. Se os limites, como afirmava Schiller<sup>7</sup>, são intrínsecos à própria actividade estética, também a superação de fronteiras disciplinares «pressupõe o reconhecimento da fronteira como condição da sua superação» (Ribeiro, 2001: 470).

Situando a transgressão disciplinar da Germanística no panorama geral das Humanidades, podemos efectivamente discernir neste processo dois movimentos complementares: um centrípeto, outro centrífugo. Isto é, de um lado, um movimento de atracção de saberes de outros campos disciplinares, das suas metodologias, problemáticas e instrumentos teóricos para um campo anteriormente dominado pelo paradigma literário e, no caso da Germanística, por uma definição nacional e nacionalista do campo de estudos. Respondendo a um sentimento de crise genera-

lizada no seio das Humanidades, que se desenvolveu a partir do final da Segunda Guerra Mundial<sup>8</sup>, relativamente ao seu instrumentário teórico, ao seu potencial ético e humanitário, bem como à sua relevância social, esta abertura ou «viragem» é simultaneamente disciplinar – viragem antropológica e etnográfica (Bachmann-Medick, 1996; Sanches, 1999; Neumann, 2000: 7-18; Wulf, 2004) –, mediática (*medial turn*, Schmidt, 1992; Jäger, 1994; Flusser, 1999) e temática. Neste último campo se incluem as chamadas viragens cultural (Greenblatt, 1989), visual (Hall, 1997) ou pictórica (Mitchell, 1994) e ainda espacial (Weigel, 2004), entre um sem-número de outras potenciais «turnologias» (Bachmann-Medick, 2006). No entanto, em paralelo com este movimento de integração, verifica-se um gesto centrífugo associado ao que Richard Rorty denominou pela primeira vez como «viragem linguística», isto é, um alargamento do instrumentário próprio da análise linguístico-literária para além das fronteiras dos estudos literários, iniciando uma textualização do mundo que teria impacto de relevo nas outras disciplinas das Ciências Humanas (Rorty, 1979: 263)<sup>9</sup>.

Ora, este movimento de diálogo e transgressão transdisciplinar parece refrescar um anquilosado modelo filológico, tornando-o menos descritivo e mais problematizador, menos elitista e mais democratizado, acabando com a diferenciação entre alta literatura e manifestações textuais menos institucionais, mas sobretudo trazendo abordagens orientadas para problemas social e antropologicamente mais relevantes. Demonstra-se, assim, a superação de uma Germanística entendida como autoconsciência filológica da nação, a favor de um modelo de Estudos Alemães entendidos como espaços de negociação antropológica, geográfica e social, afinal como superfície onde as energias simbólicas desse «diálogo imenso» dos textos, próprio dos estudos literários (Rodrigues Lopes, 1994), se entrecruzam com as energias sociais, políticas, históricas e antropológicas da macrotessitura cultural. Esta transição não pode deixar de ser entendida no âmbito do panorama geral de uma mudança de paradigma global dos estudos literários, anunciada, entre outros, no influente estudo de Anthony Easthope, *Literary into Cultural Studies* (1991)<sup>10</sup>, a favor de um novo modelo paradigmático que, na expressão paradoxal de Clemens Porschlegel, se manifesta como «o paradigma que não existe» (Porschlegel, 1999: 524), ou seja, o paradigma dos Estudos de Cultura (*Kulturwissenschaften*)<sup>11</sup>.

Actualmente, ao viver um momento de transição entre um modelo disciplinar restrito de fundo filológico-literário e um modelo culturalista alargado, a Germanística assume-se como metadisciplina (Faulstich, 2000) de abrangência quase tentacular<sup>12</sup>. Superando o paradigma da ciência moderna que postula como definidor do ramo científico a clarificação do objecto de estudo, o modelo dos Estudos de Cultura resolve a crise de objecto através de uma abordagem orientada

para temas e problemas, socorrendo-se de perspectivas disciplinares diversas, dos estudos literários, à história, sociologia e antropologia, entre outros. Num pressuposto macro, esta orientação transdisciplinar, vocacionada para uma elaboração compreensiva e não meramente institucional do problema, decorre também da epistemologia dos *Cultural Studies*, de matriz anglo-saxónica, bem como dos *area studies* americanos.

Da tradição dos *Cultural Studies* retira-se o interesse pelas manifestações da cultura popular, inspirados pelos estudos de E. P. Thomson e Raymond Williams, que defendem a abolição das hierarquias entre uma cultura supostamente de elite, institucionalizada no ensino dos departamentos de Humanidades e Literaturas, e a cultura popular e de massas. A matriz anglo-saxónica apresenta a transição de um modelo cultural entendido como o cultivo do espírito e do carácter, ou de «sweetness and light», na famosa expressão de Matthew Arnold, para o modelo de uma cultura comum, apostrofada na declaração de R. Williams de que «Culture is ordinary» (Williams, 1988). Esta visão da cultura como artefacto determinado pelas condições da sua produção, numa configuração neo-marxista de teor gramsciano, vem a institucionalizar-se com a criação por Richard Hoggart e Stuart Hall do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham (CCCS, 1963/64-2002). Encerrado em 2002 (Webster, 2004), o Centro proporcionou uma viragem sociológica na análise cultural, até aí apenas matizada pelo discurso literário ou pela abordagem etnográfica. A partir do entendimento da cultura como prática (Baumann, 1988), desenvolve um interesse renovado pelas formas de mediação<sup>13</sup>, que deixou uma marca profunda, se bem que não isenta de contradições, no discurso académico das Humanidades. Assim, à crítica da nivelação anti-histórica e superficial das problemáticas, e à ausência de profundidade política, oriunda do campo marxista (Jameson, 1981), juntam-se as vozes mais conservadoras dos que nesta escola rejeitam a tendência relativista e a resistência quer à teoria quer à argumentação disciplinar (Grossberg *et al.*, 1992)<sup>14</sup>. Por outro lado, a procura dos Estudos Culturais como uma espécie de *melting pot* salvífico para a anomia das Humanidades conduziu a um esgotamento quer do seu potencial renovador quer da sua argumentação supostamente emancipatória do papel da cultura (Eagleton, 2000) e da política da representação. Neste contexto, Lawrence Grossberg considera, por isso, a necessidade de pensar para lá do paradigma dos Estudos Culturais numa cultura situada além do modelo discursivo da representação e articulando novas realidades ao nível político e económico:

I might even [...] suggest that it is the dominance of culture even more broadly understood – as the signifying, the mediating, the representation, the ideological, the semiotic (or whatever term one prefers) that is being displaced. This is not to say that human

reality has somehow escaped its discursive construction but that certain dimensions of the discursivity are no longer defining the locus of historical experience and change. It is to say, again, that the ways in which culture matters are themselves changing and our work has not kept up with it. (Grossberg, 2006: 17)

Sintomaticamente é no momento em que o paradigma dos Estudos Culturais se esgota<sup>15</sup>, que a viragem culturalista se consoma no campo das Humanidades. Os Estudos de Cultura, se bem que retirando da escola britânica o interesse pelas manifestações da cultura popular e pela cultura material, bem como pelas formas de mediação e representação e ainda pela interacção entre as estruturas de poder e as manifestações culturais, retém o interesse hermenêutico pela leitura e interpretação dos diversos sistemas sógnicos. Na verdade, exploram a discursividade contextual de uma poética da cultura (Greenblatt, 1989) que se revela contributo determinante para a legibilidade do mundo<sup>16</sup>.

No âmbito da tradição alemã, as *Kulturwissenschaften* socorrem-se da história cultural de Egon Friedell a Ernst Cassirer (Kittler, 2000), passando pela sociologia da cultura finissecular de nomes como Georg Simmel, Max Weber e Ferdinand Tönnies, sem esquecer o impulso crítico que, sob a influência de Nietzsche, funda o lastro de uma *Kulturkritik* com ressonâncias no pensamento de Walter Benjamin, na Escola Crítica de Frankfurt, em particular na teoria de Theodor Adorno e Jürgen Habermas. Ao pendor compreensivo e interpretativo da tradição dos Estudos de Cultura alemães associa-se ainda, com a viragem textual dos anos 60, o contributo da semiótica e a sua reflexão sobre a cultura como um macrossistema sógnico (Eco, 1977)<sup>17</sup>. Assim, mais do que um saber organizado funcionalmente para descrever um objecto limitado (*Verfügungswissen*), as *Kulturwissenschaften* afirmam-se como metadisciplina que colige saberes diversos com o objectivo de orientar para a compreensão (Frühwald, 1991; Böhme, Matussek e Müller, 2000). Além disso, como reflectem Claudia Benthien e Hans Rudolf Velten, surgem também como fórmula moderadora de uma «arte da multiperspectivação» (Benthien e Velten, 2002: 14) que se torna num novo programa, agora não de educação estética do homem, ao estilo de Schiller, mas de afirmação do direito à identidade cultural (Touraine, 2005: 35)<sup>18</sup>, tendo como função última criar sentido e dar coerência à vida em sociedade.

Os Estudos de Cultura conciliam, assim, as três funções tradicionalmente estruturantes do saber humanístico: a de preservar o acervo cultural das sociedades; a educação ética e estética dos indivíduos e a decifração do passado enquanto modelo de orientação para o presente e o futuro, com a exigência da modernidade tardia de gerir um arsenal de saber aberto às necessidades do futuro, em particular no campo dos *media* e das novas tecnologias. A panóplia de títulos, de qualida-

de muito diversa, publicados em alemão nos anos mais recentes sobre problemas, métodos e abordagens das *Kulturwissenschaften* ultrapassa em dimensão as possibilidades de exploração pormenorizada<sup>19</sup>, pelo que elencarei apenas de modo representativo os grandes grupos de questões em debate e o travejamento teórico-metodológico de que se socorrem.

Desde logo, apresenta-se como questão central o debate sobre as formulações e reformulações da **identidade**<sup>20</sup>, não só na sua vertente histórico-política, que na tradição de Norbert Elias observa a cultura como «autoconsciência de um povo» (Elias, 1997), mas também as suas formulações discursivas e instáveis, que tornam as identidades aquilo que Maria Irene Ramalho designa de «identidades em curso» (Ramalho, 2001), dependendo de tradições comunitárias imaginadas (Anderson, 1983) ou inventadas (Hobsbawn e Ranger, 1983). Por outro lado, sob o impulso quer da psicanálise lacaniana, como da teorização da crítica feminista francesa (H. Cixous, Julia Kristeva, Luce Irigaray) e americana (Judith Butler, Elaine Showalter, bell hooks), e das reformas sociais, em particular a partir dos anos 70, torna-se central a discussão sobre o modo como as sociedades e o sistema cultural negociam e representam a identidade sexual (Bußmann e Hof, 1995). Dentro do paradigma de descentramento ou deslocalização do centro para as manifestações culturais, relegadas pela história cultural e literária para as margens, desenvolve-se o interesse pelas estratégias de representação do(s) Outro(s), ancoradas na teorização da antropologia e da etnografia (Bachmann-Medick, 1996; Sanches, 1998; Clifford, 1987; Geertz, 1993), que procuram ultrapassar a descrição etnográfica de tradição setecentista numa leitura em profundidade (*thick description*, Geertz, 1993: 5). Do mesmo modo, impugnando o conceito da pureza cultural dá-se visibilidade aos espaços de hibridação, mestiçagem e criouliização entre o centro e as periferias (Schmeling, 2002; Wulf, 2004; Lüsebrink, 2003). Este interesse está também associado a uma imaginação social e cultural do espaço, que desde os anos 70, com o impacto dos estudos de Henri Lefebvre e Michel de Certeau (Lefebvre, 1991; Certeau, 1990; Henningsen e Schröder, 1997), se veio crescentemente a analisar como espaço praticado e apropriado pelas práticas culturais individuais. A articulação entre os Estudos de Cultura e a Geografia decorre ainda da visibilidade da obra de Edward Said e dos seus estudos sobre o imperialismo, nomeadamente na concepção de que na origem do contacto de culturas estava o impulso de apropriação do espaço, que tornava o acto em dominação cultural<sup>21</sup>, pelo que todas as culturas seriam na sua origem conceptualmente colonialistas (Derrida, 1996).

Próximos da especificidade da contemporaneidade alemã, mas também respondendo à necessidade arquivística das sociedades, isto é, de guardar, tratar e possibilitar a interpretação em contextos renovados do acervo cultural de pas-

sado, os **Estudos de Memória** têm-se revelado como área temática de particular interesse. Remontando aos trabalhos de história de arte e antropologia histórica de Aby Warburg e da escola que, no seguimento da perseguição nazi, os seus seguidores (E. Panofsky, F. Saxl, E. Wind, Francis Yates) fundam em Londres (Warburg Institute), mas também herdando as teorias sociológicas sobre o enquadramento social da memória colectiva de Maurice Halbwachs e dos seus seguidores (Pierre Nora), bem como a apreciação da psico-história de Michel Foucault, os estudos sobre memória vieram a desenvolver-se a nível internacional com particular acutilância a partir dos anos 80. No caso particular dos Estudos Alemães, os Estudos de Memória desenvolvem estudos que se podem sistematizar em três grandes áreas: a discussão e a responsabilização ética pelo passado do III Reich no contexto das histórias individuais – aqui se articulando toda a reflexão sobre o Holocausto, mas também o impacto do regime Nacional-Socialista sobre as vidas alemãs; a reflexão sobre os meios de transmissão da memória cultural e a sua influência no modo como esta é sedimentada, tratada, transmitida, renovada; e por fim a construção da memória nacional. Cite-se neste âmbito a obra de Bernhard Giesen sobre o impacto sociológico da memória dos criminosos (Giesen, 1991) e a elaboração, segundo o modelo francês de P. Nora, da monumental *Deutsche Erinnerungsorte I, II, III*, elaborada por Hagen Schulze e Etienne François (François e Schulze, 2001)<sup>22</sup>.

Por fim, respondendo à sua autodefinição como macro e metadisciplina, os Estudos de Cultura olham para a cultura enquanto matéria e meio de comunicação, e debruçam-se sobre a **materialidade da comunicação** (Gumbrecht, 1994; Kittler, 1987). Debatem, assim, o modo como o meio (escrita, imagem, *performance*) e o sistema institucional que o tutela (*media*, museu, cinema, literatura) simultaneamente condicionam a representação e são por ela condicionados<sup>23</sup>, recorrendo ao travejamento teórico da semiótica, e articulando-o com o interesse no papel da contingência histórica e com a reflexão sobre a cultura material, que é característico da reflexão neo-historicista (Gallagher e Greenblatt, 2000; Veese, 1993).

Pelo enunciado se depreende que o programa dos Estudos de Cultura é ambicioso, quer na abrangência das questões, no travejamento teórico recrutado, como na exigência de competência instrumental do exegeta, por vezes podendo incorrer em acusações de diletantismo<sup>24</sup>, que em situação-limite podem transformar a prática científica em entretenimento (Vollhardt, 2001). Cabe por isso clarificar que é precisamente neste aspecto que reside a diferença fundamental entre a prática dos Estudos de Cultura, ancorados numa tradição de estudos de área de matriz literária, e os Estudos Culturais, de substrato mais sociológico. Para aqueles, trata-se efectivamente de mais do que a formulação de uma prática científica exercida em

paralelo, mas não em diálogo, tal como acontecia com os Estudos Culturais, segundo referia Raymond Williams na introdução da sua obra *Culture and Society*: «The work which this book records has been done in an area where several disciplines converge but in general do not meet.» (Williams, 1988: 15)

A prática dos Estudos de Cultura que aqui assumo como enquadramento metadisciplinar da cadeira de Cultura Alemã desenvolve-se a partir do substrato metodológico e interpretativo dos Estudos Literários, preocupando-se fundamentalmente em ler os diversos textos<sup>25</sup> e interpretá-los nos seus contextos históricos, sociológicos ou antropológicos. Mais do que um generalista especializado, o investigador de Estudos de Cultura apoia-se numa tradição académica de reflexão e interpretação da legibilidade do mundo (Blumenberg, 1991). Para tal, socorre-se certamente de um treino filológico, que, no entanto, não o limita às margens estreitas da disciplinaridade literária, antes o orienta para o esclarecimento complexo dos problemas com que se debate a sociedade. Resumindo, os Estudos de Cultura apresentam uma dimensão simultaneamente conservadora, inovadora e revolucionária. Em primeiro lugar, contribuindo para preservar a memória cultural, depois surgindo como programa performativo de debate e esclarecimento das questões que preocupam a sociedade e os seus desenvolvimentos futuros e, finalmente, como modelo de revolução conceptual na (des)ordem das Humanidades, afirmando-se como saber orientador e não instrumental (Böhme, 1996). Aleida Assmann resume de modo claro os desafios e o enquadramento desta abordagem:

[...] os Estudos de Cultura não surgiram de um método novo ou de uma crise teórica, constituem antes uma resposta à profunda mudança da sociedade e à nova (des)ordem mundial. Isso explica, por um lado, a razão pela qual os Estudos de Cultura se desenvolveram em diversas partes do mundo e, por outro, porque não produziram um paradigma homogéneo. Não é a expansão de uma escola teórica nem a vitória de um novo método que são responsáveis pelo seu nascimento, mas a própria transformação das culturas e as novas questões e exigências que estas mudanças também apresentam aos Estudos Literários. (Assmann, 2006: 14)

A pluralidade de abordagens justifica por isso que, mais do que a autoclarificação como *Kulturwissenschaft* [singular] (von Graevenitz, 1999; Neumann, 2000), os novos Estudos Alemães se definam como *Kulturwissenschaften* [plural] (Nünning, 2003: 1-10; Assmann, 2006), uma disciplina de disciplinas, multiperspectivada, plural, mas simultaneamente cultivando uma «descrição em profundidade», segundo a feliz expressão de Clifford Geertz. Como refere Jan-Dirk Müller, os Estudos de Cultura assumem-se, assim, como transgressão produtiva, que se situa no limite da disciplina, sem esquecer o substrato disciplinar que enquadra a prática científica do intérprete, mas enriquecendo-a com iluminações de áreas afins:

Os Estudos de Cultura não têm como objectivo a superação das fronteiras disciplinares – que pelo contrário devem ser trabalhadas com base nas suas funções, métodos e fundamentos teóricos –, mas a sua transgressão ao serviço de uma iluminação recíproca. (Müller, 1999: 576)

Cabe ainda reflectir sobre o contributo da tradição americana dos estudos de área para entender o que significa a reorganização da Germanística na categoria de Estudos Alemães, que geralmente é usada de modo até inconsciente. Embora nos tempos recentes os termos tenham sido utilizados de modo praticamente indistinto, a transformação da Germanística, enquanto disciplina filológica, na designação mais lata de Estudos Alemães é herdeira da afirmação dos departamentos de *German Studies* nas universidades americanas (McCarthy e Schneider, 1996), que por sua vez apresentam já uma orientação menos literária, por assimilação da componente mais histórico-política associada aos estudos de área<sup>26</sup>. Os defensores do modelo dos estudos de área (Hohendahl, 1998) realçam a produtividade criativa dos *German Studies*, entendidos para além de um modelo de investigação literária que cada vez mais se sentia como restritivo, e que mediam a sua relevância social pela orientação da investigação para uma perspectiva fundamentalmente temática. Os seus detractores (Spivak, 2003; Rowe, 2000) realçam as origens conservadoras da iniciativa, mas particularmente o enclausuramento nacional da prática académica, num pressuposto de que os Estudos Alemães devem em particular restringir-se à problematização da especificidade nacional da cultura dos países de expressão alemã. Perante a globalização das práticas culturais, John Carlos Rowe propõe a substituição da marca *area studies* por *border studies* (Rowe, 2000: 23), num entendimento de que as fronteiras culturais de ordem nacional devem ser substituídas pela problematização das intersecções e pelo diálogo intercultural. A recente *New History of German Literature* (2004), organizada pelo germanista de Chicago, David Wellbery, é precisamente exemplo desse olhar cosmopolita que lê a co-presença transnacional e transestémica do evento literário, superando os parâmetros canónicos tradicionais das histórias literárias (Wellbery, 2004: xx-xxv)<sup>27</sup>.

A disciplina de Cultura Alemã apresenta-se, por isso, no contexto das evoluções atrás traçadas, como especificidade do particularismo internacionalizado da universidade portuguesa, localizada num espaço semiperiférico entre os desenvolvimentos globais das humanidades e dos Estudos de Cultura e a realidade institucional e cultural da academia de expressão alemã. Inspira-se na conceptualização científica dos Estudos de Cultura, reflectindo sobre a realidade sociocultural de expressão alemã num espaço de fronteira e diálogo, sem deixar de assumir uma perspectiva própria, orientada para os grandes temas com que se digladiava a globalizada sociedade alemã. Assume, deste modo, um entendimento da disciplina que supera

uma genealogia das origens, mas que faz depender a construção da Cultura Alemã do contacto que esta cultura estabelece com realidades culturais vizinhas e/ou distantes, e que entende a disciplina numa relação transversal com outras afins nos currículos da Faculdade de Ciências Humanas. Trabalho que se inspira afinal na afirmação de Hannah Arendt, em *Macht und Gewalt*, de que a cultura – enquanto objecto e disciplina – constitui uma prática cosmopolita, um exercício não apenas de entendimento próprio, mas sobretudo de conhecimento do Outro.

## II. Cultura Alemã: narrativa de um não-lugar

Glosando a famosa teoria de Marc Augé, pode-se dizer que o espaço retórico da disciplina de Cultura Alemã é um não-lugar. Constituído por passagens, um atravessar de energias heterogêneas, um não-lugar, na terminologia do sociólogo francês, designa um espaço instituído para a realização de determinado objectivo e as relações diversas que os indivíduos têm com esses espaços (Augé, 1993: 94). Excêntrica ao *mainstream* dos Estudos Alemães praticados nos países de expressão alemã, a disciplina de Cultura Alemã constitui uma manifestação periférica de um espaço atravessado por actores disciplinares diversos, numa conjuntura em radical mudança e dirigida a um público discente também ele heterogêneo.

Na verdade, a própria designação de Cultura Alemã é virtual, na medida em que não se reporta agora, como nunca, a um espaço geográfico, histórico e político homogêneo, nem designa um espaço cultural comum. Se é certo que a designação «alemão» nunca se limitou às fronteiras nacionais da Alemanha<sup>28</sup> – apesar de as políticas culturais contemporâneas da Áustria, da Suíça e do Liechtenstein rejeitarem tal designação – e que a história recente da Alemanha fez coexistir durante quarenta anos dois Estados alemães em conflito político, também é certo que no próprio interior do espaço político da República Federal da Alemanha, e dos Estados que ao longo dos séculos a antecederam, coexistiram tradições culturais, religiosas, políticas e linguísticas diversas, que em períodos de euforia nacionalista dificultaram a «invenção» de um discurso homogêneo da nação<sup>29</sup>. Em 1797, J. W. Goethe e Friedrich Schiller afirmavam a utopia e vacuidade do constructo: «Alemanha? Mas onde é que isso fica? Não a consigo encontrar, / Onde o país intelectual começa, termina o político.» (Goethe, 2002: 518). Mesmo quando na sequência da reunificação de 1990, o Bundestag discute a política de emigração da Alemanha e apela à consciência da *Leitkultur* [cultura base] de matriz alemã, que deveria ser partilhada pelos que adquirem a nacionalidade, logo a carga traumática da germanização forçada conotada com o NS evoca no constructo o arsenal doloroso de

uma *Leidkultur* [cultura da dor] devastadora<sup>30</sup>. Por outro lado, a própria hipótese de estruturação de uma cultura nacional/local independente das trocas culturais globais é hoje em dia inconcebível (cf. Garber, 1996: 6). Os localismos particulares das culturas, sob o impacto das NTIC, globalizam-se, interiorizando igualmente facetas de mundos culturais distantes, num processo de reciprocidade imparável. Do mesmo modo, o universo dos estudantes-alvo se internacionalizou, pelo que não podemos já supor que a leccionação de uma disciplina de Cultura se resuma a um exercício intercultural binário (entre a cultura portuguesa e a cultura-alvo) mas multilateral, exigindo do docente uma capacidade de moderação e transposição transcultural acrescida. Vivemos um novo cosmopolitismo que não deve ser entendido apenas como enquadramento do mundo em que habitamos, mas como espaço de passagem, não-lugar a que diversamente pertencemos.

Acreditando que o lugar da disciplina carrega consigo a carga epistemológica e histórica da realidade que lhe subjaz, Cultura Alemã apresenta-se como constructo institucional que acolhe um olhar fronteiriço sobre as questões com que se debatem as culturas de expressão alemã na sua relação com lugares epistémicos, antropológicos, estéticos e sociopolíticos adjacentes, com particular destaque para o diálogo com a cultura europeia envolvente e as identidades europeias contíguas<sup>31</sup>. Assim, a disciplina expõe-se como espaço de emergência e debate, um lugar de mediação entre culturas, perspectivas (alemã e portuguesa), tradições académicas e discursos disciplinares<sup>32</sup>.

Sem nunca ter ocupado no seio da Germanística nacional o papel central da disciplina de Literatura Alemã, a disciplina de Cultura Alemã, na senda da tradição francesa da «Civilisation Allemande»<sup>33</sup>, funcionava tradicionalmente como disciplina auxiliar do currículo literário-linguístico de Línguas e Literaturas Modernas. Tratava-se fundamentalmente de uma disciplina contextualizante, orientada para a história social e para a história das mentalidades, que tinha como função contextualizar o saber maior leccionado nas disciplinas de Literatura. Por seu lado, no contexto da academia alemã, estava mais próxima de uma *Landeskunde* descritiva e sem profundidade, estando ausente dos *curricula* de Germanística. Na verdade, a disciplina surge de uma necessidade específica da *Auslandsgermanistik* de fornecer ao discente um quadro de referências histórico-políticas, estéticas e sociais, que o sensibilize para o sistema cultural em estudo, e com que, normalmente, o estudante da cultura-alvo já teve contacto ao longo de ciclos de estudo anteriores. Todavia, apesar deste estatuto dir-se-ia que secundário, a disciplina de Cultura adquire uma fulcral centralidade quando perspectivada segundo os princípios de uma prática académica intercultural. Esta caracteriza o que desde os anos 70 se vem conceptualizando como Germanística Intercultural, um exercício que, segundo Alois

Wierlacher, distingue a realidade da Germanística não-alemã e que o autor caracteriza como «trabalho de reconhecimento cooperativo» (Wierlacher, 2002: 31)<sup>34</sup> entre realidades culturais diferenciadas.

Ancorada numa realidade cultural estranha (*fremdkulturelle Wirklichkeit* Wierlacher e Bogner, 2003: 56), a disciplina depara desde logo com a dificuldade de compreensão linguística dos discentes, o que no início do século XXI continua a não ser obstáculo despiciendo ao exercício pedagógico. Este enquadramento não pode deixar de estar presente no contexto de uma transição de modelo de ensino, que concretiza a aplicação do Processo de Bolonha. No Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março assinala-se que se trata da mudança de um ensino «baseado na transmissão de conhecimentos para um ensino baseado no desenvolvimento de competências». Ante os dois pressupostos contextuais evocados, encaro como objectivos pedagógicos da disciplina de Cultura Alemã o desenvolvimento de algumas das competências-chave, assinaladas no relatório *Geisteswissenschaften Heute*, nomeadamente a propiciação de uma **compreensão intercultural**, o desenvolvimento da **capacidade comunicativa** e o desenvolvimento da **competência hermenêutica**, isto é, a capacidade de ler, decifrar e atribuir sentido aos registos sógnicos da cultura-alvo (Frühwald *et al.*, 1991: 10). Para além destas, a competência cultural do estudante adquire-se cultivando três aptidões: a capacidade de **integrar** o problema, evento, texto ou artefacto no contexto cultural e sócio-histórico específico da cultura-alvo; a capacidade de o **relacionar** com outras realidades culturais afins, incluindo a sua própria, e por fim de o **decifrar e interpretar** no seu horizonte de sentido próprio.

Ora, com a deslegitimação da Literatura enquanto disciplina aglutinadora dos currículos de Línguas e Literaturas Modernas e a sua pulverização em seminários temáticos, orientados para o desenvolvimento precisamente dessa competência cultural a que me referi antes, as disciplinas de Cultura adquiriram uma centralidade renovada, enquanto núcleos centrais da viragem para o paradigma dos Estudos de Cultura. Acresce que, sem o estigma da subsidiariedade, a disciplina poderia agora desenvolver uma reflexão própria, adequando-a ao perfil dos discentes e às competências finais a atingir. Deixaria, assim, de ser a disciplina que contextualiza no âmbito político, da história social, das ideias e das mentalidades as manifestações estéticas, objecto de estudo noutras disciplinas, mas uma disciplina emergente que constrói o seu campo disciplinar próprio, invocando metodologias e instrumentos, segundo a complexidade dos problemas com que se debate e ensinando a atribuir sentido dentro de um quadro cultural de referência. Invocando Niklas Luhmann, poder-se-ia dizer que a disciplina de Cultura Alemã deve acompanhar a especialização e complexidade do sistema social em que está inserida. Mais do

que uma explanação de uma realidade cultural e da sua produção estética, que se faria, como considerava Adorno, necessariamente *contra* a sociedade, a disciplina de Cultura Alemã deve entender a produção de energias culturais *na* sociedade. Afinal, testando os processos de comunicação em curso no sistema e a sua consistência.

A disciplina de Cultura Alemã, como outras disciplinas afins, surge, deste modo, como espaço disciplinar em emergência, um não-lugar atravessado por práticas discursivas diferenciadas, mas harmonizadas pelo objectivo comum de habilitar o discente com a competência cultural para contextualizar, relacionar e interpretar eventos, textos e problemas num quadro de referência de expressão alemã.

## NOTAS

- <sup>1</sup> As reflexões aqui apresentadas constituem uma versão, encurtada e adaptada, do relatório apresentado à Faculdade de Ciências Humanas da UCP para concurso de Professor Associado em Cultura Alemã, em Março de 2007, e intitulado *O Olhar Cosmopolita: Algumas Notas para a (Re)definição da Disciplina de Cultura Alemã*.
- <sup>2</sup> Sobre a discussão em torno da *Kulturgesellschaft*, veja-se Huysen, 1997; Göhler, 2006: 233.
- <sup>3</sup> Veja-se Homi Bhabha: «Postcolonial criticism bears witness to the unequal and uneven forces of cultural representation involved in the contest for political and social authority within the modern world order.» (Bhabha, 1994: 171)
- <sup>4</sup> Lawrence Grossberg propõe a utilização do termo «singularidade» como alternativa produtiva a um discurso sobre a identidade, que tem exagerado a utilização discursiva e política da diferença, tendo sido recriminado por radicalismos relativistas que acabam por contrariar um diálogo ético entre culturas. «My discussion of agency – and its difference from either subjectivity or “identity” (self) – would seem to suggest the need for a radical rethinking of political identity [...]. It seems to suggest the concept of a belonging without identity, a notion of what might be called *singularity* [...]. This quest for the singular can be related to the project of constructing a form of knowledge that respects the other without absorbing it into the same, or, I might add, the different.» (Grossberg, 2000: 119)
- <sup>5</sup> Numa acepção próxima de Appiah, Homi Bhabha fala da emergência da identidade minoritária no seio do dialogismo global, como uma forma de «vernacular cosmopolitanism» (Bhabha, 1994), e Paul Gilroy refere esta globalização dialogada a partir de baixo, como uma forma de «cosmopolitan planetarity» (Gilroy, 2004).
- <sup>6</sup> Embora o impacto da hermenêutica na reflexão das Ciências Humanas se tenha afirmado a partir da obra monumental de Hans Georg Gadamer, *Wahrheit und Methode* (1960), já em 1958, C. P. Snow havia distinguido o modelo conceptual das Ciências Humanas do das Ciências Naturais, opondo o modelo da compreensão inerente às primeiras ao modelo da explicação intrínseco às segundas (Snow, 1984). Uma distinção semelhante é seguida por Wolf Lepenies na sua conceptualização das três culturas (Lepenies, 1985): Humanidades, Ciências Naturais e Ciências Sociais.
- <sup>7</sup> Cf. Friedrich Schiller, «Über die notwendigen Grenzen beim Gebrauch schönen Formen» (1795).
- <sup>8</sup> O repertório teórico sobre a crise das humanidades e a deslegitimação do seu saber é praticamente inabarcável. No caso particular da Germanística, desde o Congresso de Munique de 1966, que a área disciplinar se vem confrontando com a deslegitimação ética do seu potencial humanista, fruto do barbarismo nazi, com a crítica aos seus contornos nacionalistas e com o apelo à necessidade de confrontar o passado de compromisso com o totalitarismo. No auge da cisão radical com este passado, em 1966, os estudantes da Universidade de Frankfurt chegaram a apelar ao fim da própria disciplina («Schafft die Germanistik ab!»). Não sendo este o local para uma abordagem aprofundada desta questão, refiro algumas referências centrais deste debate, que na última década teve um dos seus pontos mais altos com a publicação do relatório *Geisteswissenschaften Heute* (Frühwald, 1991). Sobre a crise das humanidades, veja-se Frühwald, 1991; Santos, 1991; Grossberg, 1992; Garber, 1996; Nussbaum, 1998; La Capra, 2001; Leal Faria, 2002; Diner, 2004; Langewiesche, 2004; Said, 2004; Spivak, 2003.
- <sup>9</sup> A própria noção de viragem é pela primeira vez problematizada por Rorty, que, na obra *Philosophy and the Mirror of Nature* (1967), estuda a história da filosofia como um conjunto de viragens

(«turns»), orientadas para a resolução de novos problemas e emergindo à medida que outros mais antigos se afiguram irrelevantes.

- <sup>10</sup> A consumada transição de paradigma do modelo textual para um enfoque contextual, característico do materialismo cultural dos *Cultural Studies* de matriz anglo-saxónica, não nos deve, contudo, fazer esquecer a negociação que a literatura estabelece entre aquela que Gayatri Spivak define como a sua dimensão figural (Spivak, 2003: 71) e as contingências culturais do espaço histórico-social envolvente, por um lado, nem a própria capacidade que a literatura tem de estabelecer o seu próprio contexto, por outro, demonstrando o discurso literário como prática de legitimação auto-referencial da sociedade. Como refere Doris Bachmann-Medick, «Literarische Texte interpretieren von sich aus, noch bevor sie interpretiert werden» (Bachmann-Medick, 2001: 219).
- <sup>11</sup> Distinguímos neste relatório entre os Estudos de Cultura (*Kulturwissenschaften*), de marca germânica e antropológico-hermenêutica, e a vertente anglo-saxónica e de cariz mais sociológico dos *Cultural Studies*, traduzidos para português como Estudos Culturais.
- <sup>12</sup> Esta transição consumada da Germanística como *Literaturwissenschaft* para um modelo de Estudos Alemães, mais associados aos *area studies* de matriz americana (Hohendahl, 1998), e reformulando o paradigma anglo-saxónico dos *Cultural Studies* no modelo mais antropológico e hermenêutico de *Kulturwissenschaft*, tem constituído nos últimos anos o tema para as mais produtivas reflexões teóricas em torno da disciplina. Sobre o estado da arte da discussão «Literaturwissenschaft als Kulturwissenschaft», veja-se Böhme e Scherpe, 1996; Bachmann-Medick, 1996; Pornschlegel, 1999; von Graevenitz, 1999; Neumann e Weigel, 2000; Ribeiro e Ramalho, 2001; Engel, 2001; Benthien e Velten, 2002; Voßkamp, 2003.
- <sup>13</sup> Este aspecto tornou-se particularmente importante nas Ciências da Comunicação, quer para a constituição disciplinar deste campo de estudos, quer para a constituição da sua autoconsciência como estrutura representacional (cf. Miller, 1998; Grossberg, 2006).
- <sup>14</sup> Leia-se Böhme, Matussek e Scherpe: «Die Risiken dieser Entwicklung sind evident: Der Kulturbegriff droht unter dem interessegeleiteten Zugriff ethnischer und/oder “minoritärer” Gruppen seine analytischen wie synthetischen Funktionen in der Ideologiekritik zu verlieren. An die Stelle der Prozessen der traditionellen Kanonbildung könnte so ein unreflektierter neuer Kanon aus additiv zusammengefühten Partikularismen treten.» (Böhme, Matussek e Müller, 2000: 13)
- <sup>15</sup> Com o encerramento do Centro de Birmingham em 2002, surge uma série de propostas de renovação desta antidisciplina, que vão de tentativas de legitimação como a de Francis Mulhern, que vê nos *Cultural Studies* a continuidade da tradição da *Kulturkritik* (Mulhern, 2000), à proposta de transformar os Estudos Culturais em Estudos de Política Cultural (*Cultural Policy Studies*) (Yúdice, 2003; Osborne, 2006), afastando-os do espectro literário e associando-os definitivamente ao campo das políticas e da economia da cultura.
- <sup>16</sup> No discurso académico português não tem sido feita uma distinção produtiva entre a tendência mais hermenêutica e antropológica, neste caso efectivamente oriunda da tradição da *Kulturkritik* alemã e presente nas *Kulturwissenschaften*, mais próximas da designação de Estudos de Cultura, e a marca específica dos *Cultural Studies* britânicos. A designação generalista de Estudos Culturais é utilizada por Manuela Ribeiro Sanches (Sanches, 1998), se bem que na transmigração do discurso da antropologia para o da cultura esteja claramente presente a tradição hermenêutica referida. A. S. Ribeiro distingue as duas tendências (Ribeiro, 1999: 13 ss.) e postula no artigo em colaboração com Maria Irene Ramalho um modelo cooperativo entre a reflexão dos Estudos Culturais e a compreensão textual de inspiração literária (Ribeiro e Ramalho, 2001: 74). Sobre a distinção entre *Kulturwissenschaften* e *Cultural Studies*, veja-se ainda Böhme, Matussek e Müller, 2000; Weigel,

- 2004: 274. O relatório *Contemporary Study of Culture*, elaborado por especialistas (A. Assmann, L. Grossberg, S. Weigel) a pedido do Internationales Zentrum für Kulturforschung de Viena (1999), explora uma articulação entre as duas tendências, sem contudo ignorar as diferenças estruturantes.
- <sup>17</sup> Articulando a reflexão culturalista com a semiótica, Roland Posner estrutura os artefactos culturais em três conjuntos particulares: cultura material, social e mental (Posner, 1991: 53 ss.).
- <sup>18</sup> O entendimento dos Estudos de Cultura como programa é tratado por Benthien e Velten, 2000, para além de Assmann, 2006. Trata-se, neste caso, de enquadrar os Estudos de Cultura naquilo que Manuel Castells chama «o poder das identidades» (Castells, 2003), isto é, o direito dos grupos e indivíduos, em particular das minorias, à sua identidade cultural independentemente das relações de poder que os constroem. Na sua dimensão programática, os Estudos de Cultura teriam como enfoque as diferentes formas de ser «diversamente diferente» (Bhabha, 1994), desenvolvendo não só o acesso à representação das identidades não hegemónicas, mas também a visibilidade de grupos e indivíduos marginalizados numa história da representação marcadamente eurocêntrica e patriarcal. Sobre este assunto veja-se Bhabha, 1994; Sanches, 1998; Gilroy, 2004. Considero que esta redução dos Estudos de Cultura à identidade é não só limitada como perigosa, na medida em que reifica a diferença como postulado ancilar de qualquer forma de produção de sentido.
- <sup>19</sup> Uma breve sondagem no *site* da livraria virtual Amazon ([www.Amazon.de](http://www.Amazon.de)) relativamente à expressão *Kulturwissenschaft* indica 462 títulos.
- <sup>20</sup> Veja-se sobre a identidade nacional Seeba, 1989.
- <sup>21</sup> «All cultures tend to make representations of foreign cultures the better to master or in some way control them.» (Said, 1994: 120)
- <sup>22</sup> Sobre os Estudos de Memória no âmbito das *Kulturwissenschaften*, veja-se Augstein, 1987; J. Assmann, 1988; 1999; A. Assmann, 1991a, 1991b, 1996, 1999; Weigel, 1994; Berg, 1996; Esposito, 2002; Haverkamp e Lachmann, 1993; Weigel, Bronfen e Erdle, 1999. Nos EUA, os Estudos Alemães assumiram igualmente como área de particular interesse os Estudos de Memória, neste caso com incidência particular na rememoração do Holocausto. Veja-se Bernard-Donals e Glejzer, 2001; Confinio e Fritzsche, 2000; La Capra, 2001; Herf, 1997; Margalit, 2003.
- <sup>23</sup> Cf. Hall, 1997; Miller, 1998; Kittler, 1997; Gumbrecht *et al.*, 1994; Schmidt, 1991, 1992; Luhmann, 1990; Flusser, 1999.
- <sup>24</sup> Sobre esta matéria, veja-se também Benthien e Velten, 2002: 22 ss.; e Böhme *et al.*, 1996. A solução apresentada por Pier Carlo Bontempelli não deixa de ser espantosa: «As always in these cases, it is difficult to find a solution to the problem other than for the discipline to control discourse production.» (Bontempelli, 2004: 191)
- <sup>25</sup> Entendo «texto» no sentido alargado de sistema signico, ultrapassando a mera dimensão linguística.
- <sup>26</sup> Gayatri Spivak traça as origens dos estudos de área como projecto estratégico da política americana durante a Guerra Fria. Os departamentos de estudos de área então criados foram constituídos com um corpo docente pluridisciplinar, especializado em contextos regionais particulares, que desenvolvia estudos centrados nas particularidades histórico-políticas de áreas geográficas estratégicas para a política americana. Destes departamentos estavam ausentes as competências em Estudos Literários (Spivak, 2003: 6-7). Hans Jürgen Lüsebrink identifica erradamente os estudos de área em versão alemã como *Landeskunde*, isto é, uma abordagem etnográfica e descritiva das marcas culturais de uma cultura delimitada pelas fronteiras políticas (Lüsebrink, 2003).
- <sup>27</sup> «*A New History of German Literature* [goes] beyond the three parameters of traditional literary histories: continuous narrative time, the cultural space of the “nation” and imaginative writing. Our

goal is to provide an account of German literary history that focuses on “the interaction of different spaces and times”; that mirrors the fluctuations of linguistic and national identity characteristic of literary activity throughout its history, and that highlights the variety and interaction of media.» (Wellbery, 2004: xxiv)

- <sup>28</sup> Veja-se, a favor da identificação cultural das culturas de expressão alemã, o texto de Hugo von Hofmannsthal «Das Schrifttum als geistiger Raum der Nation» (1926) e, pelo contrário, a argumentação a favor da especificidade do discurso cultural da Áustria em Zeyringer, 1995.
- <sup>29</sup> Simplificando a complexidade do constructo, as reflexões mais recentes de matriz anglo-saxónica sobre a Cultura Alemã têm-se pautado por uma delimitação das manifestações culturais dentro das fronteiras do Estado político, ancorando-se para a sua reflexão na matriz sincrónica dos Estudos Culturais. Veja-se Burns, 1995; Kolinsky e van der Will, 1998; Phipps, 2002. Os estudos que têm surgido no espaço alemão integram-se no âmbito da história cultural, embora, como refere Hermann Glaser na introdução de *Deutsche Kultur 1945-2000*, continuem a procurar responder de modo anquilosado às questões centrais que desde o século XVIII enformam o discurso sobre a cultura alemã: «Die Erforschung der Nachkriegskultur sollte in Erwartung des 21. Jahrhunderts aktuelle Antworten auf alte Sinnfragen finden helfen: Woher kommen wir? Was sind wir? Wohin gehen wir?» (Glaser, 1997: 16)
- <sup>30</sup> O termo «*Leitkultur*» é cunhado pelo sociólogo Bassam Tibi, na obra de 1998 *Europa ohne Identität. Die Krise der multikulturellen Gesellschaft*. Surge como proposta de renovação relativamente a um relativismo niilista que vinha a ser conotado com o multiculturalismo e vem a ser utilizado no mesmo ano pelo editor do jornal *Die Zeit*, Theo Sommer, numa discussão sobre a integração dos imigrantes («Der Kopf zählt, nicht das Tuch – Ausländer in Deutschland: Integration kann keine Einbahnstraße sein», *Die Zeit*, 30/1998). A polémica desenvolve-se depois em torno da apropriação do termo no Bundestag, em 2000, pelo deputado da CDU Friedrich Merz, em defesa de uma política de assimilação de imigrantes e contra a integração sem assimilação. A partir de 1 de Janeiro de 2005 entrou em vigor a nova lei da imigração que prevê que a autorização de residência seja concedida após frequência de um curso de seiscentas horas de alemão, das quais trinta sobre questões de cultura geral alemã. Este curso de trinta horas será objecto de prova específica de cultura geral alemã.
- <sup>31</sup> Longe da busca de narrativizar o discurso cultural da nação, como o faz Glaser, Alfred Opitz, Manuela Sanches e Fernando Clara observam, da sua perspectiva excêntrica, a disciplina como lugar de mediação e influência: «As peripécias da história alemã recente não deixam de lembrar que a “Alemanha” sempre abrangeu uma variedade de espaços políticos, sociais e culturais diferentes que, além de mais, deve muito não só à cultura clássica, mas também às culturas italiana, francesa, inglesa e, na segunda metade deste século, americana. Por outro lado, iniciou-se com a integração europeia, um processo económico-social que veio e, decerto, irá alterar profundamente as chamadas tradições “nacionais” e cujas consequências, para além da uniformização económica e administrativa, são ainda bastante imprevisíveis.» (Opitz, Sanches e Clara, 1998: 21)
- <sup>32</sup> Este facto é acentuado no estudo de Alfred Opitz e Manuela Delille sobre a Germanística em Portugal: «Die Distanz und die Nähe Portugals zum zentraleuropäischen Komplex bieten ideale Voraussetzungen für das Studium kultureller Transmissions- und Assimilationsphänomene in einer funktionalistischen Perspektive, die den Standpunkt des Beobachters in historischer und wissenschaftstheoretischer Hinsicht zum integralen Bestandteil wissenschaftlichen Arbeitens macht.» (Delille e Opitz, 2003: 657)
- <sup>33</sup> Apesar de no contexto anglo-saxónico ocorrer por vezes a designação «German Civilisation», é mais frequente a designação «German Culture» e mais recentemente a de «German Cultural Studies».

- <sup>34</sup> Sobre a Germanística Intercultural, veja-se; Schmeling, 2002; Wierlacher, 2003; 2002. A designação de «*Auslandsgermanistik*», tal como a de «Germanística Intercultural», serve para excluir um estudo «próprio», etnicamente ancorado da Cultura Alemã, feita pela Germanística Alemã, *versus* o trabalho diferenciado, deslocado da Germanística não-alemã. António Sousa Ribeiro argumentou repetidas vezes contra este posicionamento imperial da Germanística alemã. Veja-se o discurso inaugural do Congresso da Associação Portuguesa de Germanistas, em 2008, intitulado «Entgrenzen oder abgrenzen? Anmerkungen zur Germanistik (auch in Portugal)».

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict (1983), *Imagined Communities. Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*, Londres: Verso.
- APPIAH, Kwame Anthony (2005), *The Ethics of Identity*, Princeton: Princeton University Press.
- \_\_\_\_ (2006), *Cosmopolitanism. Ethics in a World of Strangers*, Nova Iorque: W. W. Norton.
- ASSMANN, Aleida (1996), «Texte, Spuren, Abfall: die wechselnde Medien des kulturellen Gedächtnisses», in Hartmut Böhme, Klaus Scherpe (eds.): *Literatur und Kulturwissenschaften. Positionen, Theorien, Modelle*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, pp. 96-111.
- \_\_\_\_ (1999a), *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, Munique: C. H. Beck.
- \_\_\_\_ (1999b), Heidrun Friese (eds.), *Identitäten. Erinnerung, Geschichte, Identität 3*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ASSMANN, Aleida (2006), *Einführung in die Kulturwissenschaft. Grundbegriffe, Themen, Fragestellungen*, Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- ASSMANN, Aleida; HARTH, Dietrich (eds.) (1991a), *Mnemosyne – Formen und Funktionen des kulturellen Erinnerung*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- \_\_\_\_ (1991b), *Kultur als Lebenswelt und Monument*, Frankfurt am Main: Fischer.
- ASSMANN, Jan (1988), «Kollektives Gedächtnis und kulturelle Identität», in Jan Assmann, Toni Hölscher (eds.), *Kultur und Gedächtnis*, Frankfurt am Main: Fischer, pp. 9-19.
- \_\_\_\_ (1999), *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, Munique: C. H. Beck.
- AUGÉ, Marc (1993), *Non-Places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity*, Londres: Verso.
- BACHMANN-MEDICK, Doris (ed.) (1996), *Kultur als Text. Die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*, Frankfurt am Main: Fischer.
- \_\_\_\_ (2006), *Cultural Turns. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*, Frankfurt am Main: Rowohlt.
- BAECKER, Dirk (2000), *Wozu Kultur?*, Berlin: Kulturverlag Kadmos.
- BAUMANN, Zygmunt (1988), *Culture as Praxis*, Londres: Sage Publications.
- BECK, Ulrich (2004), *Der kosmopolitische Blick oder: Krieg ist Frieden*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- BENTHIE, Claudia; VELTEN, Hans Rudolf (eds.) (2002), *Germanistik als Kulturwissenschaft. Eine Einführung in neue Theoriekonzepte*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

- BERNARD-DONALS, Michael; GLEJZER, Richard (2001), *Between Witness and Testimony. The Holocaust and the Limits of Representation*, Albany: State University of New York.
- BHABHA, Homi K. (1994), *The Location of Culture*, Londres: Routledge.
- BLUMENBERG, Hans (1991), *Arbeit am Mythos*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- BÖHME, Hartmut; SCHERPE, Klaus R. (eds.) (1996), *Literatur- und Kulturwissenschaft. Positionen, Theorien, Modelle*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.
- BÖHME, Hartmut; MATUSSEK, Peter; MÜLLER, Lothar (2000), *Orientierung Kulturwissenschaft. Was sie kann, was sie will*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.
- BONTEMPELLI, Pier Carlo (2004), *Knowledge, Power and Discipline. German Studies and National Identity (Storia della germanistica: Dispositivi e istituzioni di un sistema disciplinare*, Roma: Artemide Edizioni, 2000, trad. Gabriele Poole), Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BURNS, Rob (ed.) (1995), *German Cultural Studies. An Introduction*, Oxford: Oxford University Press.
- BUSSMANN, Hadumod; HOF, Renate (eds.) (1995), *Genus. Zur Geschlechterdifferenz in der Kulturwissenschaften*, Estugarda: Kröner.
- CANCLINI, Néstor García (2001 [1989]), *Culturas híbridadas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, Ciudad de México: Grijalbo.
- CARNEIRO, Roberto (2006), «Hibridação e aventura humana», *Comunicação & Cultura*, n.º 1, pp. 37-55.
- CASTELLS, Manuel (2003), *O Poder da Identidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CERTEAU, Michel de (1990), *L'Invention du quotidien. 1. Les arts de faire*, Paris: Gallimard.
- CLIFFORD, James (1987), *The Predicament of Culture*, Cambridge, Mass.: Harvard U. Press.
- CONFINO, Alon; FRITZSCHE, Peter (eds.) (2002), *The Work of Memory. New Directions in the Study of German Society and Culture*, Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia; OPITZ, Alfred (2003), «Portugiesische Germanistik auf dem Weg zu einer interkulturellen Disziplin», in Alois Wierlacher, Andrea Bogner (org.), *Handbuch Interkulturelle Germanistik*, Estugarda: Metzler, pp. 655-660.
- DERRIDA, Jacques (1996), *Le monolinguisme de l'autre ou la prothèse de l'origine*, Paris: Galilée.
- DINER, Dan (2004), «Cultural Engineering – Oder die Zukunft der Geisteswissenschaften», in Dorothee Kimmich; Alexander Thumfart (eds.), *Universität ohne Zukunft?*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 70-79.
- EAGLETON, Terry (2000), *The Idea of Culture*, Oxford: Blackwell.
- ECO, Umberto (1977), *O Signo*, Lisboa: Presença.

- ELIAS, Norbert (1997 [1937]), *Über den Prozeß der Zivilisation. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen*, vol. 1, Frankfurt am Main: Suhrkamp. [O *Processo Civilizacional*, vol. 1. (trad. Lídia Campos Rodrigues), Lisboa: Dom Quixote, 1989.]
- ESPOSITO, Elena (2002), *Soziales Vergessen. Formen und Medien des Gedächtnisses in der Gesellschaft*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- FAULSTICH, Werner (2000), «Kulturwissenschaft als Metawissenschaft», in Thomas Düllo *et al.* (eds.), *Kursbuch Kulturwissenschaft*, Münster: LIT, pp. 133-140.
- FLUSSER, Vilem (1999), *Medienkultur*, Frankfurt am Main: Fischer.
- FOUCAULT, Michel (2001), *Dits et écrits I, 1954-1975* (ed. Daniel Defert, François Ewald), Paris: Quarto, Gallimard, pp. 276-280.
- FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen (eds.) (2001), *Deutsche Erinnerungsorte I/II/III*, Munique: C. H. Beck.
- FRÜHWALD, Wolfgang; JAUSS, Hans Robert; KOSELLECK, Reinhard; MITTELSTRASS, Jürgen; STEINWACHS, Burkhard (1991), *Geisteswissenschaften heute. Eine Denkschrift*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- GALLAGHER, Catherine; GREENBLATT, Stephen (2000), *Practicing New Historicism*, Chicago: University of Chicago Press.
- GARBER, Marjorie; WALKOWITZ, Rebecca L.; FRANKLIN, Paul B. (eds.) (1996), *Field Work. Sites in Literary and Cultural Studies*, Nova Iorque: Routledge.
- GEERTZ, Clifford (1993 [1973]), *The Interpretation of Cultures. Selected Essays*, Nova Iorque: Basic Books.
- GIESEN, Bernhard (ed.) (1991), *Nationale und kulturelle Identität. Studien zur Entwicklung des kollektiven Bewußtseins in der Neuzeit*, Suhrkamp: Frankfurt am Main.
- GILROY, Paul (1993), *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*, Londres: Verso.
- GILROY, Paul (2004), *After Empire. Melancholia or Convivial Culture?*, Londres: Routledge.
- GLASER, Hermann (1997), *Deutsche Kultur 1945-2000*, Munique: Hanser.
- GOETHE, J. W.; SCHILLER, Friedrich [1797], «Xenien», in Goethe (2002), *Sämtliche Werke. Münchner Ausgabe* (ed. Reiner Wild, Hans Hans J. Becker *et al.*) Bd. 4.1., Munique: Carl Hanser Verlag.
- GÖHLER, Adrienne (2006), *Verflüssigungen. Wege und Umwege vom Sozialstaat zur Kulturgesellschaft*, Frankfurt am Main: Campus.
- GREENBLATT, Stephen (1989), «Towards a Poetics of Culture», in Aram Veeseer (ed.), *The New Historicism*, Londres: Routledge, pp. 1-14.
- GROSSBERG, Lawrence (2000), «Identity and Cultural Studies: Is That All There Is?», in John Hartley, Roberta E. Pearson (orgs.), *American Cultural Studies. A Reader*, Oxford: Oxford U. Press, 2000, pp. 114-124.

- GROSSBERG, Lawrence (2006), «Does Cultural Studies Have Futures? Should It? (Or What's the Matter with New York?)», *Cultural Studies*, vol. 20, pp. 1- 32.
- GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula (eds.) (1992), *Cultural Studies*, Nova Iorque: Routledge.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich; PFEIFFER, K. Ludwig (orgs.) (1994), *Materialities of Communication*, Stanford: Stanford University Press.
- HALL, Stuart (ed.) (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, Londres: Sage Publications.
- HAVERKAMP, Anselm; LACHMANN, Renate (eds.) (1993), *Memoria. Vergessen und Erinnern*, Munique: Fink.
- HENNINGSSEN, Bernd; SCHRÖDER, Stephan Michael (eds.) (1997), *Das Ende der Humboldt-Kosmen. Konturen von Kulturwissenschaft*, Baden-Baden: Nomos.
- HERE, Jeffrey (1997), *Divided Memory. The Nazi Past in the Two Germanys*, Cambridge: Harvard UP.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (eds.) (1983), *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge U. Press.
- HOHENDAHL, Peter Uwe (1998), «The Past, Present and Future of Germanistik», *Stanford Electronic Humanities Review*, 6 (1). ([www.stanford.edu/group/SHR/6-1/html/hohendahl.html](http://www.stanford.edu/group/SHR/6-1/html/hohendahl.html) – consultado a 2-2-2007)
- HUYSEN, Andreas (1997), *Memórias do Modernismo (After the Great Divide/Twilight Memories*, trad. Patrícia Farias), Rio de Janeiro: UFRJ Editora.
- ISER, Wolfgang (1991), *Das Fiktive und das Imaginäre. Perspektiven literarischer Anthropologie*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- JÄGER, Ludwig; SWITALLA, Bernd (eds.) (1994), *Germanistik in der Mediengesellschaft*, Munique: Fink.
- JAMESON, Frederic (1981), *The Political Unconscious. Narrative as a Socially Symbolic Act*, Ithaca: Cornell University Press.
- KITTLER, Friedrich (1997), *Aufschreibsysteme 1800-1900*, Munique: Fink Verlag.
- \_\_\_\_\_ (2000), *Eine Kulturgeschichte der Kulturwissenschaft*, Munique: Fink.
- KOLINSKY, Eva; VAN DER WILL, Wilfried (eds.) (1998), *The Cambridge Companion to Modern German Culture*, Cambridge: Cambridge University Press.
- LA CAPRA, Dominick (2001), *Writing History, Writing Trauma*, Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press.
- LANGEWIESCHE, Dieter (2004), «Wieviel Geisteswissenschaften braucht die Universität?», in Dorothee Kimmich; Alexander Thumfart (eds.), *Universität ohne Zukunft?*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 36-51.

- LEAL FARIA, Luísa (2002), *Universidade e Cultura*, Lisboa: Universidade Católica Editora.
- LEFEBVRE, Henri (1991), *The Production of Space*, Oxford: Blackwell.
- LEPENIES, Wolf (1985), *Die drei Kulturen. Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*, Munique: Hanser.
- LUHMANN, Niklas (1990), *Die Wissenschaft der Gesellschaft*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (2003), «Kulturraumstudien und Interkulturelle Kommunikation», in Ansgar Nünning; Vera Nünning (eds.), *Konzepte der Kulturwissenschaften*, Estugarda: Metzler, pp. 307-328.
- MARGALIT, Avishai (2003), *The Ethics of Memory*, Cambridge, Mass.: Harvard U. Press.
- MCCARTHY, John; SCHNEIDER, Katrin (eds.) (1996), *The Future of Germanistik in the USA. Changing our Prospects*, Nashville: Vanderbilt Univ. Press.
- MILLER, Toby (1998), *Technologies of Truth. Cultural Citizenship and Popular Media*, Minneapolis: Minnesota Univ. Press.
- MITCHELL, W. J. T. (1994), *Picture Theory*, Chicago: Chicago U. Press.
- MULHERN, Francis (2000), *Culture/Metaculture*, Londres: Routledge.
- MÜLLER, Jan-Dirk (1999), «Überlegungen zu einer mediävistischen Kulturwissenschaft», *Mitteilungen des Deutschen Germanistenverbandes*, 46, 4, pp. 574-585.
- NEUMANN, Gerhard; WEIGEL, Sigrid (eds.) (2000), *Die Lesbarkeit der Kulturen. Literaturwissenschaften zwischen Kulturtechnik und Ethnographie*, Munique: Wilhelm Fink Verlag.
- NIETZSCHE, Friedrich (1988), *Unzeitgemäße Betrachtungen Kritische Studienausgabe I* (ed. Giorgio Colli, Mazzino Montinari), Munique: DTV/de Gruyter.
- NUSSBAUM, Martha (1998), *Cultivating Humanity. A Classical Defense of Reform in Liberal Education*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- OPITZ, Alfred; SANCHES, Manuela Ribeiro; CLARA, Fernando (1998), *Sociedade e Cultura Alemãs*, Lisboa: Universidade Aberta.
- OSBORNE, Peter (2006), «Whoever Speaks of Culture Speaks of Administration as Well. Disputing Pragmatism in Cultural Studies», *Cultural Studies*, vol. 20, pp. 33-47.
- PHIPPS, Alison (ed.) (2002), *Contemporary German Cultural Studies*, Londres: Arnold.
- PORNSCHLEGEL, Clemens (1999), «Das Paradigma, das keines ist. Anmerkungen zu einer unglücklichen Debatte», *Mitteilungen des Deutschen Germanistenverbandes* 46, 4, pp. 520-532.
- POSNER, Roland (1991), «Kultur als Zeichensystem. Zur semiotischen Explikation kulturwissenschaftliche Grundbegriffe», in Aleida Assmann, Dietrich Harth (eds.), *Kultur als Lebenswelt und Monument*, Frankfurt am Main: Fischer, pp. 37-74.

- RAMALHO, Maria Irene (2001), «A Sogra de Rute ou Intersexualidades», in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 525-555.
- RIBEIRO, António Sousa (1999), «Cultural Studies / Kulturwissenschaften / Estudos Culturais. The Globalisation of Cultural Theory» ([www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/147/147.pdf](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/147/147.pdf) – consultado a 14-2-2007).
- \_\_\_\_ (2001), «A Retórica dos Limites. Notas sobre o conceito de fronteira», in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 463-489.
- RIBEIRO, António Sousa; RAMALHO, Maria Irene (2001), «Dos Estudos Literários aos Estudos Culturais?», in Helena Buescu; João Ferreira Duarte; Manuel Gusmão (orgs.), *Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa: Dom Quixote, pp. 61-82.
- RODRIGUES LOPES, Silvina (1994), *A Legitimação em Literatura*, Lisboa: Edições Cosmos.
- RORTY, Richard (1979), *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton: Princeton University Press.
- ROWE, John Carlos (2000), «Post-Nationalism, Globalism and the New American Studies», in John Carlos Rowe (ed.), *Post-Nationalist American Studies*, Berkeley: Univ. California Press, pp. 23-37.
- SAID, Edward (1994), *Culture and Imperialism*, Londres: Vintage Books.
- \_\_\_\_ (2004), *Humanism and Democratic Criticism*, Nova Iorque: Columbia.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (1998), «Nas Margens: Os estudos culturais e o assalto às fronteiras académicas e disciplinares», *Etnográfica*, vol. III, 1, pp. 193- 210 ([http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_03/N1/Vol\\_iii\\_N1\\_193-210.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N1/Vol_iii_N1_193-210.pdf) – consultado a 13-1-2007).
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1991), *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto: Afrontamento.
- SCHMELING, Manfred (2002), «Differenz, Hybridisierung, Globalisierung – Interkulturelle Poetik heute», in Djelal Kadir, Dorothea Löbbermann (eds.), *Other Modernisms in an Age of Globalization*, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, pp. 265-282.
- SEEBE, Hinrich C. (1989), «Critique of Identity Formation: Toward and Intercultural Model of German Studies», *The German Quarterly*, 62, 2, pp. 144-153.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1992), «Medien, Kultur, Medienkultur. Ein konstruktivistisches Gesprächsangebot», *Kognition und Gesellschaft. Der Diskurs des radikalen Konstruktivismus 2*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, pp. 425-450.
- SNOW, C. P. (1984 [1959]), *The Two Cultures and A Second Look*, Cambridge: Cambridge University Press.
- SPIVAK, Gayatri (2003), *Death of a Discipline*, Nova Iorque: Columbia University Press.
- TOURAINÉ, Alain (2005), *Un nouveau paradigme*, Paris: Gallimard.

- VEESER, E. Aram (ed.) (1993), *The New Historicism*, Londres: Routledge.
- VOLLHARDT, Friedrich (2001), «Kittlers Leere. Kulturwissenschaft als Entertainment», *Merkur*, 55, 8, pp. 711-716.
- VON GRAEVENITZ, Gerhart (1999), «Literaturwissenschaft und Kulturwissenschaften», *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literatur und Geistesgeschichte*, 73, 1, pp. 94-115.
- VOSSKAMP, Wilhelm (2003), «Literaturwissenschaft als Kulturwissenschaft», in Ansgar Nünning; Vera Nünning (eds.), *Konzepte der Kulturwissenschaften*, Estugarda: Metzler, pp. 73-85.
- WEBSTER, Frank (2004), «Cultural Studies and Sociology at, and after, the closure of the Birmingham School», *Cultural Studies*, 18, 6, pp. 847-862.
- WEIGEL, Sigrid; BRONFEN, Elisabeth; ERDLE, Birgit R. (eds.) (1999), *Trauma. Zwischen Psychoanalyse und kulturellem Deutungsmuster*, Colónia: Böhlau.
- WEIGEL, Sigrid (2004), *Literatur als Voraussetzung der Kulturgeschichte. Schauplätze von Shakespeare bis Benjamin*, Munique: Wilhelm Fink Verlag.
- WELLBERRY, David E. et al. (ed.) (2004), *A New History of German Literature*, Cambridge: The Belknap Press at Harvard U. Press.
- WIERLACHER, Alois; BOGNER, Andrea (eds.) (2003), *Handbuch interkulturelle Germanistik*, Estugarda: Metzler.
- WILLIAMS, Raymond (1988 [1958]), *Culture and Society 1780-1950*, Londres: Penguin.
- WULF, Christoph (2004), *Historische Anthropologie – Geschichte, Kultur, Philosophie*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.
- YÚDICE, George (2003), *The Expediency of Culture. The Uses of Culture in a Global Era*, Durham e Londres: Duke Univ. Press.